

QUINTA-FEIRA • 03 DE DEZEMBRO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30876
de 03 de Dezembro de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA ^{VIV} **A**

ESPECIAL

Afinal, o que é a Jihad?

— P. 3-5 —

A LAICIDADE MERECE RESPEITO



PAULO TERROSO

PADRE

Já sabíamos que rezar é uma actividade perigosa com consequências imprevisíveis. S. Francisco de Assis, S. Tomás Moro, S. Inácio de Loyola, S. Teresa de Ávila, Madre Teresa de Calcutá e S. João Paulo II, só para nomear alguns, atestam que a prática do exercício espiritual gera tensões e alterações de ordem política, social e religiosa. Mas ainda não estávamos avisados do potencial de perigosidade da oração do Pai Nosso, quando apresentada sob a forma de publicidade. Porém, e segundo as três maiores cadeias de cinema da Grã-Bretanha, a passagem de tal anúncio, enquanto se comem umas pipocas e se bebem uns refrigerantes, “traz o risco de perturbar, ou ofender, audiências”.

Razões pelas quais foi negada a passagem do anúncio nas salas de cinema. A proibição foi classificada pelo Primeiro Ministro inglês David Cameron como “ridícula”, o Presidente de Londres, Boris Johnson, apelidou de “ultrajante” e — por quem Deus nos avisa! — o acérrimo defensor e promotor do ateísmo, Richard Dawkins, *twittou* que se trata de uma violação da liberdade de expressão. A Igreja de Inglaterra (Anglicana), autora do anúncio, manifestou-se “desconcertada” com a decisão qualificando de “bastante tola” e advertindo sobre o “efeito assustador” na liberdade de expressão. Também não é propriamente uma novidade a ameaça à paz política, social e religiosa que constituiu a celebração do nascimento de Jesus e a sua representação no presépio. Nada de novo debaixo do sol. Rezam as crónicas que, há pouco mais de 2000 anos, o nascimento de um menino em Belém, na Palestina, de seu nome Jesus, filho de Maria e José, terá perturbado o rei Herodes. O monarca, ao ouvir falar

do cachopo como “o rei dos judeus” e depois de os Magos lhe terem feito figas, decidiu cortar o mal pela raiz e “matar todos os meninos de Belém e de todo o seu território, da idade de dois anos para baixo” (Mt 2, 16). Herodes



não foi só um perverso e sanguinário com requintes de malvadez, de quem se dizia que era preferível ser seu porco a seu filho. Bem vistas as coisas, foi um visionário. Na verdade, as crianças são perigosas. Veja-se como os pastorinhos Francisco, Jacinta e Lúcia alteraram a ordem geopolítica do seu tempo.

A notícia da decisão do director de uma escola italiana em cancelar as festividades de Natal — facto não isolado em Itália e noutros países da Europa —, por respeito a outras religiões, afigura-se, à primeira vista, como uma decisão civilizada respeitadora das sensibilidades dos que pensam e vivem de forma diferente. Mas não é! E nem se quer está em causa a laicidade, valor fundamental e em si legítimo dos estados democráticos — aliás, valor evangélico: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mc 12, 17) — mas o laicismo. O laicismo é uma caricatura da laicidade. Uma declinação negativa, delirante e ridícula da laicidade, que sente a religião como realidade ameaçadora e reage, quase sempre por via legislativa e de modo desproporcionado, restringindo direitos humanos tão fundamentais como são os da liberdade de expressão e liberdade religiosa.

A laicidade declinada positivamente é uma “laicidade justa”, para citar uma expressão cara ao papa João Paulo II e que ele definia como “o respeito de todos os tipos de fé por parte do Estado, que garante o livre exercício das actividades de culto, espirituais, culturais e caritativas das diversas comunidades”. A laicidade merece todo o respeito. Ao laicismo está reservada uma fundada e dramática ironia histórica.



PAPA FRANCISCO @pontifex_pt

30 Novembro 2015

Nós, cristãos e muçulmanos, somos irmãos e devemos comportar-nos como tal.

29 Novembro 2015

Onde reinam a violência e o ódio, os cristãos são chamados a dar testemunho de Deus que é amor.

D. JORGE ORTIGA @djorgeortiga

29 Novembro 2015

Quando ser cristão é uma opção consciente e desejada, e não apenas tradição, descobrimos o quanto é importante o seguimento de Cristo.



PORTA DO JUBILEU DA MISERICÓRDIA ABERTA EM BANGUI

Pela primeira vez na História, a abertura da porta santa de um Jubileu aconteceu fora de Roma. O Papa abriu a porta do Jubileu da Misericórdia em Bangui — capital da República Centro-Africana (RCA) — no Domingo. Para o Santo Padre, o acontecimento tornou Bangui a “capital espiritual do mundo”. Francisco deixou ainda um apelo àqueles que “usam injustamente as armas”: “Deponham esses instrumentos de morte. Armem-se antes com a justiça, o amor e a misericórdia, autênticas garantias de paz”.



ESCOLA ITALIANA CANCELA FESTEJOS DE NATAL

Em nome do respeito das várias culturas e credos dos alunos, o director do Instituto Garofani de Rozzano, na província italiana de Milão, cancelou as festividades de Natal, recusando-se a ferir susceptibilidades entre as famílias dos alunos que não sejam cristãs. O primeiro-ministro italiano afirmou que “o Natal é muito mais importante que um director provocador”. A escola tem cerca de mil alunos e perto de 20% de estudantes são de fés não cristãs, sendo que a maioria pertence a famílias que seguem o islamismo.



MILHARES DE MORTES PREMATURAS DEVIDO À POLUIÇÃO DO AR

A poluição atmosférica causou 432 mil mortes prematuras nos Estados-membros da UE, em 2014. Em 2012, mais de 6 mil pessoas morreram prematuramente, em Portugal, devido à poluição do ar. No ano seguinte mantiveram-se as concentrações de poluentes acima dos limites, segundo a Agência Europeia do Ambiente. O Papa Francisco deixou um alerta: “Estamos no limite de um suicídio, e tenho a certeza de que quase todos os que estão em Paris [na Cimeira do Clima] têm esta consciência e querem fazer algo”.



TEXTO: DACS

O terrorismo de ninguém

Os acontecimentos do passado dia 13 de Novembro deixaram o mundo em estado de choque e em sobressalto. A ideia de uma 3.ª Guerra Mundial é cada vez mais falada. Há um denominador comum a gerar coligações e alianças, formais e informais. Palavras como extremismo, fanatismo e terrorismo estão na ordem do dia. Mas afinal que é e o que pretende o autodenominado Estado Islâmico? O que é a *Jihad* islâmica? Estamos em perigo?

A SOPA DE LETRAS

São muitas as denominações que vemos associadas ao autoproclamado Estado Islâmico. Para explicá-las e dar-lhes sentido é necessário recuar uns anos, até à altura da formação do grupo extremista. O grupo começou nos anos 2000, constituindo-se como parte da resistência extremista à invasão norte-americana do Iraque. Na altura foi apelidado de *Al-Qaeda* do Iraque (**AQI**). Depois da morte do fundador do grupo, Abu Musab

al-Zarqawi, passou a chamar-se, em 2007, Estado Islâmico do Iraque (em inglês, *Islamic State in Iraq* = **ISI**). O poder da facção enfraqueceu com o passar dos anos, mas o princípio da guerra civil na Síria (parte da “Primavera Árabe”), em 2011, foi a oportunidade aproveitada pelo grupo para renascer. Depois de começar a controlar outros territórios no país, voltou a mudar o nome, passando a chamar-se Estado Islâmico do Iraque e da Síria (em inglês, *Islamic State in Iraq and Syria* = **ISIS**). A expressão original também pode ser traduzida por Estado Islâmico do Iraque e do Levante (*Islamic State in Iraq and the Levant* = **ISIL**), já que a expressão utilizada para definir o Levante, *al-Sham*, se aplica tanto a Damasco como à região Síria em geral.

Em Junho de 2014 volta a existir nova mudança de nome, desta vez para o grupo se autointitular de Estado do Califado Islâmico (*State of Islamic Caliphate* = **SIC**).

Al-Dawla al-Islamiya fil 'Iraq wal-Sham é a expressão árabe para “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”,

podendo ser abreviada para *Da'ish* (ou *Daish*, ou *Daesh*, no alfabeto ocidental). No entanto, a abreviatura não agrada aos membros do grupo que, em algumas ocasiões, chegaram até a ameaçar quem a usasse. A palavra *Daesh* é parecida, fonologicamente, a palavras árabes com o significado de “esmagar”, “esmigalhar” ou “esfregar”, conotações consideradas pejorativas e até ofensivas pela facção e apoiantes.

A JIHAD ISLÂMICA

Outro dos termos que vemos muitas vezes associado ao grupo é *Jihad*. O cónego José Paulo Abreu, historiador, começou por nos falar do sentido mais lato da acepção, explicando que a mesma pode ser entendida como “guerra santa” ou “guerra justa”.

“Parecendo muito unívoca e muito precisa, esta palavra tem vários sentidos. Os muçulmanos distinguem três tipos de *jihad*, três tipos de luta. A primeira é a luta maior (*al-jihad-al-akbar*), uma luta interior, um esforço contínuo e incessante por tornar cada aspecto da vida pessoal

conforme à vontade de Alá. Tem apenas a ver com cada um, com o seu crescimento próprio, com uma ascese individual. Depois existe uma segunda *jihad*, a social, que implica a construção de uma sociedade de acordo com a vontade de Alá. É a luta que homens e mulheres de fé travam contra uma sociedade secularizada. Por fim, existe a *jihad* contra a injustiça e a opressão. Se a força for o único meio de remediar situações dessas, então é utilizada. É pertinente acrescentar que Maomé condenava o homicídio e a agressão. Mas não condenava a auto-defesa, nem as acções tendentes à protecção de valores tidos como decentes”, sublinhou.

A perspectiva do Sheikh David Munir, líder da Mesquita Islâmica Central de Lisboa, embora vá ao encontro da anterior, encerra outra advertência. “A palavra *jihad* significa esforço, simboliza uma luta contra o ego. Infelizmente, é mal utilizada por alguns muçulmanos e alguns dos média.

Objectivo principal do grupo

Formação de califado único sob a lei da Sharia (lei muçulmana), restaurando a ordem de Deus na Terra e defendendo a comunidade muçulmana contra os infieis

Financiamento

Petróleo, resgates, pilhagens

Recrutamento

+ de
20.000
combatentes, oriundos de mais de 90 países

+ de
3.400
ocidentais

Daesh
+ de
30.000
combatentes
no Iraque e Síria

Inimigos

Todos os que renunciam ao Corão ou a Maomé

O termo que é utilizado no Sagrado Alcorão para a guerra como forma de defesa – e não como ataque – é outro. Esta é uma palavra diferente”, explicou ao *Igreja Viva*. Dito de outra forma, a guerra que o *Daesh* trava não é a mesma a que Maomé se referia como guerra “santa” ou “justa”.

UMA PALAVRA, VÁRIAS LEITURAS

A auto-proclamação do *Daesh* como um Califado Islâmico aporta algumas leituras que interessa esmiuçar. Em traços gerais, podemos dizer que um califado é bem mais do que um país oficialmente muçulmano, já que supostamente representa a comunidade muçulmana a nível mundial. O advérbio *supostamente* não foi aqui utilizado ao acaso: é assim que os apoiantes e membros do *Daesh* vêem um califado, mas a conduta do grupo é maioritariamente rejeitada pelos muçulmanos, o que leva a que a facção nunca possa, na verdade, representar a comunidade.

Importa também perceber que o título de califa – líder do califado – não é o de uma autoridade espiritual ou religiosa (como podemos apontar a do Papa em relação à Igreja Católica), mas antes o de líder político-militar da comunidade muçulmana. Para o *Daesh*, o califado representa a ideia de uma civilização islâmica unificada e gloriosa que só o grupo poderá governar legitimamente. É esta unificação que, segundo os mesmos, irá restaurar os dias de glória da civilização islâmica.

A ideia de uma comunidade unificada em torno de todos os crentes é um conceito importante no Islão – fundado no século XII como uma religião e um estado – já que Maomé não era apenas o profeta de Deus, mas também o líder político e militar dos primeiros muçulmanos. Quando Maomé morreu sem nomear um sucessor, os seus companheiros escolheram um homem chamado Abu Bakr para ser o seu califa, aquele que seria o guardião da comunidade muçulmana em seu nome. Não será coincidência que o homem que lidera actualmente o grupo tenha escolhido apelidar-se a si mesmo de “Abu Bakr” (*al-Baghdadi*). Quando se

declarou califa, este homem assumiu perante o mundo que acredita estar a lutar por todos os muçulmanos. No entanto, grande parte da comunidade rejeita estas visões, demarcando-se de todos os actos terroristas e violentos que o grupo afirma cometer em nome de Deus.

“A palavra Islão significa Paz, sem dúvida nenhuma. Infelizmente, alguns pregam exactamente o oposto, muitos deles utilizando o nome de Deus em vão. Por falta de conhecimento são facilmente manipulados”, sublinha o Sheikh Munir. Indo ainda mais longe, o líder muçulmano expressou o desejo de que o Ocidente considere o *Daesh* como um grupo anti-islâmico.

“Tirar a vida de um homem inocente é como tirar a vida de toda a humanidade... e salvar a vida de um homem é como salvar a humanidade”, corrobora o Alcorão (5:33). Ainda assim, é com o “livro sagrado” que muitas vezes o *Daesh* justifica os seus actos terroristas. Significa isto que os seus membros estão a ficcionar o que no Alcorão está escrito? Não. Os seus ideais e objectivos têm efectivamente como base as escrituras, mas de forma fundamentalista e limitada. Daí que, para José Paulo Abreu, o grupo não

possa ser considerado anti-islâmico. “Não me parece que o *Daesh* seja anti-islâmico. É, antes, uma das várias organizações islâmicas de cunho fundamentalista e com altos teores de agressividade e violência. Percebe-se um uso orquestrado da inteligência com a vontade de destruir, uma destreza no manejo das armas e a escolha cirúrgica do palco onde elas se usam”. O historiador sublinhou ainda que, apesar do “bastante poderio económico, político e militar” do grupo, não crê que este represente a maioria do Islão ou que seja pelo país visto como uma autoridade.

PAZ, UM OBJECTIVO COMUM

“O caminho para a paz só se poderá fazer por vias pacíficas, urdidas no respeito, na tolerância, na democracia, no esforço de convívio com a diferença. É inadmissível o que os fundamentalistas islâmicos têm feito, semeando terror, morte, insegurança, chacinando, destruindo, traumatizando... Este é um mundo que ninguém quer, onde ninguém se poderá sentir bem”, frisa José Paulo Abreu.

Referindo como exemplo o caso do *Charlie Hebdo* – “jornal altamente ofensivo para com as religiões, a

Canais de propaganda do Daesh

Internet (Twitter, Facebook, YouTube, WhatsApp, Just Paste It, Archive Org), Rádio (Al-Bayan), Imprensa (Dabiq, IS Report, IS News, Dar Al-Islam)

Mortes provocadas pelo Daesh

6.073

Ataques em 2015 perpetrados pelo Daesh

13 de Nov./ França
12 de Nov./ Líbano
31 de Out./ Egipto
10 de Out./ Turquia
26 de Jun./ Tunísia, França e Kuwait
7 a 9 de Jan. / França

Ataques em Paris

6 ataques,
129 mortos,
352 feridos,
(99 em estado grave)

moral, as crenças e as manifestações religiosas” – o historiador das religiões sublinhou que o respeito é um caminho de duas vias. “Não podemos limitar-nos a pedir aos outros que nos respeitem. Temos também que saber respeitar... Oxalá tudo isso se torne recíproco, para que efectivamente as armas se tornem desnecessárias. Os caminhos do amor e da paz são os únicos que salvam a humanidade de tremendos pesadelos. As armas são sempre um mal”.

Para o líder da Mesquita Central, o respeito e a tolerância são, igualmente, os caminhos essenciais à paz e ao diálogo. “O ser humano tem que saber dialogar um com o outro, independentemente do credo. Quando as pessoas forem sinceras e souberem distinguir as coisas, tornar-se-á tudo mais fácil. Esse diálogo tem que ser permanente e firme. Respeitando o outro, serei respeitado”, reiterou.

Na Terça-feira, a Alemanha, respondendo ao apelo feito pela França, anunciou a entrada na coligação contra o Daesh. No mesmo dia, o governo britânico aprovou uma moção de combate ao grupo. Antes destes dois países, já os Estados Unidos, a Rússia e a França tinham começado a bombardear o autoproclamado Estado Islâmico.

A principal estratégia de ataque tem consistido em bombardeamentos aéreos, mas esta opção tem vindo a ser cada vez mais questionada, sobretudo depois dos atentados de Paris. Ao que tudo indica, e tendo em conta as últimas conversações que têm vindo a público por parte de alguns líderes mundiais, a ofensiva poderá ser reforçada com mais tropas terrestres. Neste momento há ataques aéreos diários enquanto algumas forças militares se encontram no terreno, procedendo à identificação de alvos e ao treino de grupos rebeldes tidos como moderados. Depois dos ataques de 13 de Novembro, responsáveis pela morte de 129 pessoas, os bombardeamentos foram reforçados, bem como as tropas terrestres. Apesar de parecer óbvio o que levou às coligações e ao intensificar dos ataques ao Daesh, há muitas questões que ainda continuam por esclarecer. Os bombardeamentos são eficazes? Para além disso, serão mesmo necessários? Quais as verdadeiras intenções e motivações dos países que se aliaram tendo em vista a eliminação de um inimigo comum? O Daesh não é apenas um problema de contornos militares, evidenciando também aspectos políticos, algo que as armas nunca poderão resolver. Um

Sheikh David Munir: "A palavra Islão significa Paz, sem dúvida nenhuma. Infelizmente, alguns pregam exactamente o oposto, muitos deles utilizando o nome de Deus em vão"

Cón. José Paulo: "Os caminhos do amor e da paz são os únicos que salvam a humanidade de tremendos pesadelos. As armas são sempre um mal"

acordo de paz na Síria (que coloque um ponto final na guerra civil), um governo estável no Iraque (que Haider al-Abadi parece inclinado a construir) e tréguas entre o Irão e a Arábia Saudita (o que poderia determinar, a médio ou longo prazo, o fim da guerra civil) parecem ser três factores que, viabilizados, poderiam ajudar a construir o caminho pacífico para a paz. No regresso da viagem a Estrasburgo, o Papa Francisco recordou outra via, a mesma apontada por José Paulo Abreu e David Munir, a do diálogo. “Nunca dou uma coisa por perdida, nunca. Talvez não se consiga manter um diálogo [com o Daesh], mas não fecho a porta. É difícil, para não dizer impossível, mas a porta está sempre aberta”, afirmou.

Dias depois, durante a visita ao Quénia, o Pontífice lembrou que “o diálogo ecuménico não é um luxo, não é uma opção, mas é algo essencial de que o mundo, ferido por conflitos e divisões, precisa cada vez mais”. Ainda vamos a tempo?

“ESTÁ A CHEGAR QUEM É MAIS FORTE”.

III DOMINGO
ADVENTO

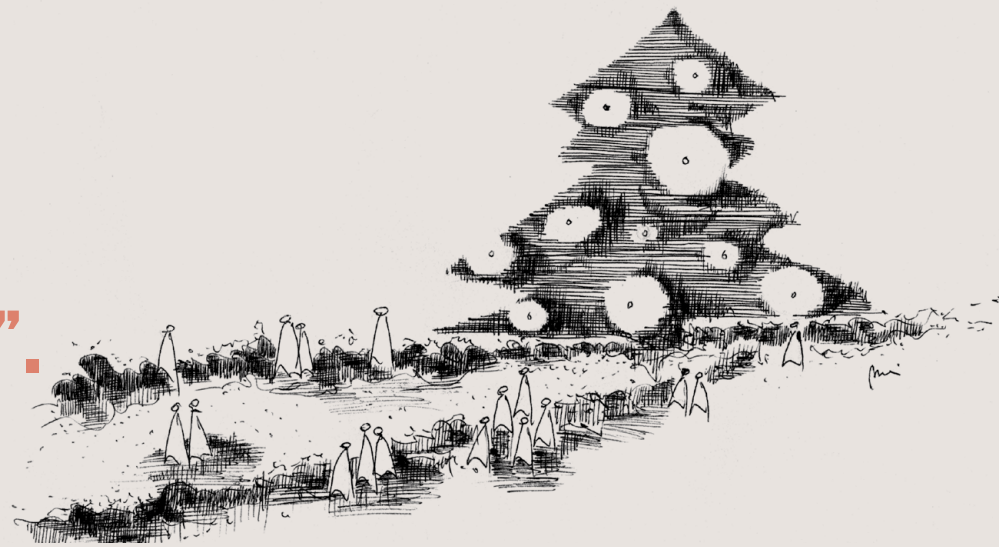


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Levanta-te, Jerusalém*, F. Silva (CEC)
- **ACTO PENITENCIAL:** *Fórmula C*, F. Silva (*Igreja Canta*, p. 17; NRMS 50-51)
- **COMUNHÃO:** *Dizei aos desanimados*, F. Santos (BML 43 / CEC I, p. 20-21)
- **PÓS-COMUNHÃO:** *Hino do Ano da Misericórdia*
- **FINAL:** *Avé, Senhora do Advento*, Az. Oliveira (*Igreja Canta*, p. 69; NRMS 95-96)

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do Domingo III do Advento (*Missal Romano*, p. 117).
 Prefácio do Advento II (*Missal Romano*, p. 455).
 Oração Eucarística III (*Missal Romano*, pp. 529ss).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Sof 3, 14-18a

Leitura da Profecia de Sofonias

Clama jubilosamente, filha de Sião; solta brados de alegria, Israel. Exulta, rejubila de todo o coração, filha de Jerusalém. O Senhor revogou a sentença que te condenava, afastou os teus inimigos. O Senhor, Rei de Israel, está no meio de ti e já não temerás nenhum mal. Naquele dia, dir-se-á a Jerusalém: “Não temas, Sião, não desfaleçam as tuas mãos. O Senhor teu Deus está no meio de ti, como poderoso salvador. Por causa de ti, Ele enche-Se de júbilo, renova-te com o seu amor, exulta de alegria por tua causa, como nos dias de festa”.

SALMO RESPONSORIAL

Is 12, 2-3.4bcd.5-6 (R. 6)

Refrão: Exultai de alegria, porque é grande no meio de vós o Santo de Israel.

LEITURA II Filip 4, 4-7

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos: Alegrai-vos sempre no Senhor. Novamente vos digo: alegrai-vos. Seja de todos conhecida a vossa bondade. O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com coisa alguma; mas em todas as circunstâncias, apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com orações, súplicas e acções de graças. E a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.

EVANGELHO Lc 3, 10-18

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, as multidões perguntavam a João Baptista: “Que devemos fazer?”. Ele respondia-lhes: “Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e

quem tiver mantimentos faça o mesmo”. Vieram também alguns publicanos para serem baptizados e disseram: “Mestre, que devemos fazer?”. João respondeu-lhes: “Não exijais nada além do que vos foi prescrito”. Perguntavam-lhe também os soldados: “E nós, que devemos fazer?”. Ele respondeu-lhes: “Não pratiqueis violência com ninguém nem denunciéis injustamente; e contentai-vos com o vosso soldo”. Como o povo estava na expectativa e todos pensavam em seus corações se João não seria o Messias, ele tomou a palavra e disse a todos: “Eu baptizo-vos com água, mas está a chegar quem é mais forte do que eu, e eu não sou digno de desatar as correias das suas sandálias. Ele baptizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo. Tem na mão a pá para limpar a sua eira e recolherá o trigo no seu celeiro; a palha, porém, queimá-la-á num fogo que não se apaga”. Assim, com estas e muitas outras exortações, João anunciava ao povo a Boa Nova.



ANO C — 2015

TERCEIRO DOMINGO DE ADVENTO

DEUS ESTÁ NO MEIO DE TI

www.laboratoriodeafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO
DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Encontrar-se com Jesus Cristo

CARACTERÍSTICA

Dar testemunho alegre

CONCRETIZAÇÃO: Vivemos este Domingo com a especial marca da alegria. A verdade da alegria que nos habita e nos brota do coração, faz-nos assumir, no dinamismo do testemunho alegre, um espírito de abertura para com todos à nossa volta.

Dando continuidade à construção do presépio, nas igrejas e nas casas de cada família, vamos colocar sobre o musgo as acostumadas “figuras populares” significando assim o necessário contágio e a transmissão da alegria.

MISSÃO

Hoje, em comunhão com a Igreja Universal, todas as Igrejas diocesanas inauguram solenemente o Jubileu Extraordinário, que abre, para todos nós e para a humanidade inteira, a Porta da Misericórdia de Deus. Tal misericórdia tornou-se viva e visível em Jesus Cristo. Neste tempo santo, somos chamados a ser sinal eficaz do agir do Pai. Esta é a nossa missão.

REFLEXÃO

Domingo da Alegria (“Gaudete”), este terceiro de Advento (Ano C), assim designado a partir da antífona de entrada (“Alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria: o Senhor está perto”) e do convite de Paulo (segunda leitura). Não temos de testemunhar a alegria causada pelo amor de Deus por nós? Hesitaremos em cantar e em proclamar a nossa confiança em Deus que nos salva (salmo)? Desde o início do Advento que ouvimos os profetas esforçados em fazer renascer a confiança do povo nos momentos de provação. Hoje é Sofonias que interpela e desperta a fé de Israel (primeira leitura). Vivamos com alegria e em paz, pois pelo batismo somos mergulhados no amor de Deus (evangelho).

“Deus está no meio de ti”

A alegria é talvez a emoção mais agradável na vida humana. A alegria é um sinal que expressa a concretização das esperanças mais profundas e o desaparecimento dos medos. A alegria é ainda mais exultante quando resulta de algo completamente inesperado, quando irrompe de surpresa nas rotinas da vida. O texto da primeira leitura refere-se a este tipo de júbilo. O livro de Sofonias, em termos gerais, apresenta um panorama demasiado sombrio: “Um dia de ira, aquele dia, dia de angústia e tribulação, dia de destruição e devastação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de névoas espessas” (capítulo 1, versículo 15). No meio deste panorama tenebroso, enche de júbilo ler o fragmento proposto na primeira leitura deste Domingo em que aparece repetidamente o convite à alegria: “Clama

jubilosamente... solta brados de alegria... exulta, rejubila”. Até Deus “exulta de alegria”. É (quase) certo que se trata de um trecho que, no tempo pós-exílio, foi incorporado no pequeno livro de Sofonias, profeta que viveu na época de Josias (nos finais do século sétimo antes de Cristo).

Importa ter em conta que as raízes desta alegria não provêm de uma hipotética acção do povo, mas da graça e da benevolência divinas: o mesmo Deus que tinha julgado Israel, agora “Ele enche-Se de júbilo, renova-te com o seu amor, exulta de alegria por tua causa”. Na verdade, Deus revogou a sentença, afastou os inimigos, vive no meio do povo. Este é o maior motivo de júbilo e de festa: “Deus está no meio de ti”.

O Advento convida a gerar a vida de Deus em nós, a criar as condições para que possa nascer em nós Jesus Cristo. Ele é o Deus connosco, “Deus está no meio de ti”. O cristão, discípulo missionário, “sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele” (EG 266). Que a sua presença nos dê confiança e alegria!

Neste Domingo, o Papa e os bispos abrem a Porta Santa nas Catedrais. É um dos momentos iniciais do Ano Santo da Misericórdia. Eis mais um motivo de alegria: Deus é misericordioso. “Que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós” (MV 5).

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Na saudação inicial pode usar-se esta fórmula: “A misericórdia do Pai, a paz de Jesus Cristo, nosso Senhor, e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco”. Depois da bênção final, o sacerdote despede a assembleia. Se se considerar oportuno, poderá dizer: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Ide em paz”. E a assembleia responde: “Graças a Deus”.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos caríssimos: fiéis à recomendação de São Paulo de não nos inquietarmos com coisa alguma, mas de erguermos para Deus as nossas mãos, peçamos confiadamente:

R. Atendei-nos, porque é eterna a vossa misericórdia.

1. Neste tempo de esperança e misericórdia, rezemos pela Igreja Universal: transpareça, em todos os seus membros, a alegria do Evangelho. Oremos.

2. Neste tempo de esperança e misericórdia, rezemos pelas pessoas do poder e da riqueza: não pratiquem violência com ninguém, sejam justos e repartam com os pobres. Oremos.

3. Neste tempo de esperança e misericórdia, rezemos por todos os cristãos: disponham-se a um verdadeiro encontro com Jesus e dêem um testemunho alegre da sua fé. Oremos.

4. Neste tempo de esperança e misericórdia, rezemos pelos que sofrem e andam desanimados: encontrem corações que os acolham e mãos amigas que se lhes estendam. Oremos.

5. Neste tempo de esperança e misericórdia, rezemos por todos nós aqui presentes: baptizados no Espírito Santo e no fogo, sejamos trigo que Deus recolhe no seu celeiro. Oremos.

Deus, Pai de misericórdia, que encheis os nossos corações de santa alegria, ouvi as nossas preces e e ensinai-nos a matar a sede nas fontes da vossa salvação.

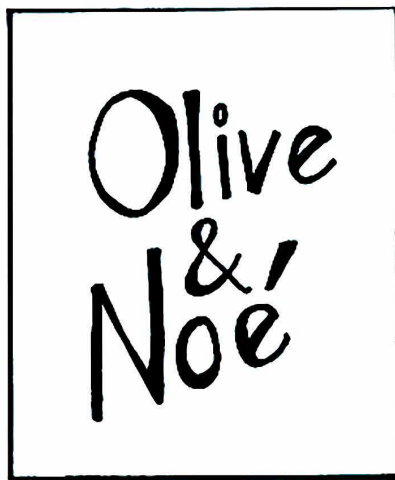
Por Cristo, Senhor nosso.

ADMONIÇÃO FINAL

Ser baptizado no Espírito Santo significa que já partilhamos a vida divina. Dar testemunho alegre do encontro com Jesus Cristo é uma oportunidade para viver como Cristo viveu: para os outros. Acolhamos agora a bênção divina e caminhemos em nome de Cristo, pois é Ele que nos conduz neste ano de graça e de misericórdia.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene sobre o povo 9 (Missal Romano, p. 571).



SEMINARISTAS APRESENTAM PEÇA “QUE QUEREIS DE MIM?”

Que quereis de mim?

07.12.2015

21h30

Texto e Encenação: José Miguel Braga
Grupo de Teatro S. João Bosco

LOCAL: AUDITÓRIO VITA - RUA SÃO DOMINGOS 94C | 4710-435 | SÃO VÍTOR - BRAGA | TEL.: +351 253203108 | GERAL@AUDITORIOVITA.COM

O grupo de Teatro S. João Bosco sobe ao palco do Auditório Vita na próxima Segunda-feira, dia 7 de Dezembro, pelas 21h30. “Que quereis de mim?” é o título da peça protagonizada pelos seminaristas do Seminário Conciliar de Braga.

José Miguel Braga é o autor e encenador da peça inspirada em S. Francisco de Assis. De acordo com o presidente do grupo de teatro, Pedro Sousa, a peça surge imbuída pelo “espírito de Assis”, no contexto do ano Missionário, e propõe uma reflexão sobre temas como “o sentido da vida”. A peça pretende ainda, segundo Pedro Sousa, despertar para a necessidade de “sentir com” e “criar com”, partilhar mais do que discursos e imagens agradáveis e pré-concebidas”, apelando ao envolvimento e compromisso, no sentido de possibilitar “o encontro”.

O testemunho de S. Francisco de Assis é, na opinião do presidente do grupo, “uma desconcertante (pro)vocação”. “Que quereis de mim?” pretende, por isso, “despertar para uma realidade adormecida”.

A peça é de entrada livre.

AGENDA

04.12.2015

RECITAL PIETRO LOCATTO

21h30 / Casa do Professor

CONCERTO VARIAÇÕES

- ENTRE BRAGA E NOVA IORQUE

21h30 / Theatro Circo

05.12.2015

CAMINHADA À “ALDEIA DE JESUS”

15h30 / Antiga EB1/JI de Navarra

06.12.2015

RÉCITA DO 1º DE DEZEMBRO

14h30 / Parque de Exposições de Braga



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Cônego José Paulo Leite de Abreu, Deão da Sé Catedral.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia e Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



JOSÉ LUÍS NUNES MARTINS

OS INFINITOS DO AMOR

A obra “Os infinitos do amor” compila 53 reflexões do filósofo José Luís Nunes Martins, enriquecidas com ilustrações de Carlos Ribeiro. O Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada, autor do prefácio do livro, assinala que cada crónica do autor é “uma lição, (...) quase sempre aplicável à vida real”, destacando ainda a capacidade do autor em “tratar temas éticos sem enveredar pelo moralismo, referir sentimentos sem sentimentalismo, apelar a atitudes a imitar ou a evitar, mas sem qualquer paternalismo”.

PVP
€ **16**
10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 03 a 09 de Dezembro de 2015.